

Maduro, uma década bem sucedida de luta anti-imperialista*

Francisco Dominguez**

Resumo:

O presente artigo busca mostrar como, desde sua vitória em 2013, o governo de Nicolás Maduro é constante alvo de diversas tentativas de mudanças de regime e desestabilização por parte dos Estados Unidos e da oposição de direita, incluindo bloqueio financeiro, protestos internos, atentados, tentativa de criação de um governo paralelo, dentre outras táticas. Além disso, também se procurou mostrar como, com uma série de medidas (programas de alimentação, estímulo a pequenos empreendedores, bônus governamentais), o governo Maduro não só conseguiu resistir à pressão imperial, como manteve o chavismo enquanto força política hegemônica na sociedade venezuelana

Palavras-Chave: Venezuela; Imperialismo; Maduro; Bolivarianismo.

Maduro, a successful decade of anti-imperialist struggle

Abstract:

This article aims to demonstrate how, since its victory in 2013, the government of Nicolás Maduro has been the constant target of several attempts at regime change and destabilization by the United States and the right-wing opposition, including financial blockade, internal protests, attacks, attempts to create a parallel government, among other tactics. In addition, it also sought to show how, with a series of measures (food programs, encouragement for small entrepreneurs, government bonuses), the Maduro government not only managed to resist imperial pressure but also maintained Chavismo as a hegemonic political force in Venezuelan society.

Keywords: Venezuela; Imperialism; Maduro; Bolivarianism

* Traduzido do original em inglês por João Pedro de Souza Luques.

** Especialista em Economia Política Contemporânea da América Latina. Professor aposentado da Universidade de Middlesex, Londres, Reino Unido; onde coordenou o Grupo de pesquisa sobre América Latina. End. Eletrônico: depaula_frank@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7239-2734>.

Introdução

Quando, por uma estreita margem, Nicolás Maduro foi eleito presidente da Venezuela em abril de 2013, a mídia hegemônica, ecoando as típicas falsas alegações da oposição, caracterizou sua vitória como uma fraude. Henrique Capriles, o candidato de direita, recusou-se a aceitar o resultado e convocou seus apoiadores a expressarem sua raiva por meio de protestos cujo desfecho, extremamente violento, levou à morte de 14 pessoas.

Correntes conservadoras, especialmente nos EUA, imaginavam que após a morte prematura de Hugo Chávez, a presidência de Maduro representaria o último suspiro da Revolução Bolivariana. O *The Economist*, em 14/12/2013, rotulou a citada vitória eleitoral como “a vitória oca de Maduro”. Para os Estados Unidos, seus cúmplices europeus e seus “proxies” venezuelanos, era o começo do fim da Revolução Bolivariana. A mando dos EUA e avaliando que havia chegado o momento para um empurrão final, a oposição embarcou numa onda incessante de ofensivas visando a derrubada violenta do governo Bolivariano, a destruição da constituição Bolivariana e a erradicação do Chavismo na Venezuela.

Essas ofensivas foram desencadeadas no contexto de uma crescente crise causada por sabotagem econômica doméstica e medidas coercitivas unilaterais dos EUA (sanções). Em março de 2015, Obama formalizou um regime de sanções contra a Venezuela Bolivariana, declarando-a “uma ameaça incomum e extraordinária” à segurança nacional dos EUA. Tal como contra Allende, a guerra econômica deliberadamente provocou escassez de bens essenciais – especialmente alimentos – inflação de três dígitos, e desarticulação econômica geral, tudo visando semear o máximo de descontentamento social.

A consequência foi um ataque brutal aos padrões de vida de milhões de venezuelanos, levando a oposição à uma retumbante vitória nas eleições de dezembro de 2015, deixando-a a um passo de ganhar dois terços da Assembleia Nacional. O recém-eleito presidente do parlamento anunciou a remoção do presidente Maduro “em seis meses”. O fim parecia definitivamente próximo e a brutal agressão encabeçada pelos EUA parecia, inexoravelmente, levar a isso.

Com a eleição de Donald Trump, os EUA intensificaram massivamente a guerra multifacetada contra o povo da Venezuela. Isso envolveu um debilitante bloqueio econômico, comercial e financeiro combinado com aventuras militaristas perigosas, incluindo um ataque terrorista com explosivos e uma invasão de mercenários visando a eliminação física das lideranças civis e militares da Revolução Bolivariana. Em 2020, o amplo bloqueio dos EUA levou a uma queda de 99% nas receitas do petróleo e centenas de milhares de mortes desnecessárias. Quando essa agressão fracassou, os EUA apelaram para a tentativa de criação de um governo venezuelano paralelo, levando à autoproclamação de Juan Guaidó como 'presidente interino'.

Apesar dos quase dez anos de uma brutal agressão liderada pelos EUA, em março de 2021, um confiante presidente Maduro - presidindo uma economia pronta para crescer em dois dígitos - recebeu no Palácio de Miraflores uma humilde delegação de Biden desesperada pelo petróleo venezuelano, confirmando assim a resistência bem-sucedida do governo Bolivariano à agressão imperial.

Neste documento, mapeamos as cruéis provações que o presidente Maduro e o povo da Venezuela tiveram de enfrentar durante o período de tentativa de 'mudança de regime' de 2014-2023, e como a Venezuela conseguiu não apenas sobreviver aos ataques, mas manter o Chavismo no poder como a força política hegemônica que era sob Hugo Chávez, desempenhando um papel de liderança na luta pelo socialismo. Um fato nada elementar.

Esforços estadunidenses de 'mudança de regime' no pós-Chávez

Com a morte prematura de Hugo Chávez, os EUA intensificaram a guerra híbrida multifacetada desencadeada para destruir a revolução. A situação se agravou em 9 de março de 2015, com a assinatura por parte de Obama do Decreto Executivo 13692, que caracterizava o Governo da Venezuela como “uma ameaça incomum e extraordinária à segurança nacional e à política externa dos Estados Unidos”, levando o presidente estadunidense a “declarar emergência nacional para lidar com a ameaça”. O Decreto incluía disposições para os EUA apropriarem-se de todas as “propriedades e ações” venezuelanas localizadas em território americano.

O Decreto Executivo 13692 de Obama forneceu tanto um pretexto legal quanto foi o corolário de uma campanha implacável de agressão contra o governo bolivariano iniciada em 1999. Em julho de 2017 ela seria massivamente intensificada. Seis meses após tomar posse, Trump sintetizou a verdadeira intenção dos EUA em relação à Venezuela ao declarar que para depor o governo Maduro “todas as opções estão na mesa”. Essa ameaça militar aberta seria incessantemente repetida pelo próprio Trump e, durante toda sua administração, constantemente papagueada por “cold Warriors” fanáticos como John Bolton.

Já em 2009, o *Acordo de Cooperação de Defesa EUA-Colômbia* havia sido um primeiro passo na direção de uma solução militar para o 'problema venezuelano'. Mantendo essa linha, o Departamento de Estado assumiu a tarefa propagandística de, falsamente, retratar a Venezuela bolivariana como um Estado patrocinador de organizações terroristas. Ainda 2004 os Relatórios de País sobre Terrorismo do Departamento de Estado dos EUA considerava que “a cooperação venezuelana no combate ao terrorismo continuou sendo, na melhor das hipóteses, inconsistente”. E o Relatório de 2005 foi mais longe: “a cooperação da Venezuela na campanha internacional contra o terrorismo foi insignificante”.

Em 2014, pelo nono ano consecutivo, a Venezuela foi acusada pelo Depto. de Estado dos EUA de não cooperar plenamente com os esforços antiterrorismo

dos EUA e permitir o apoio a atividades que beneficiaram a FARC, ELN, ETA e Hezbollah (US Department Of State, 2014). Em 2011, os EUA reimpuseram sanções contra uma fábrica de armas do Estado venezuelano, seguidas pelo bloqueio de vendas de armas para a Venezuela em 2015, e, ainda no mesmo ano, o então vice-presidente Joe Biden visitou o Caribe para pressionar os países a deixarem o acordo de compra de petróleo regional, *Petrocaribe*, sugerindo que Maduro tinha pouco tempo restante. No Relatório nacional sobre Terrorismo de 2020, o Depto. de Estado dos EUA reiterou pela enésima vez a falsa acusação de que “a Venezuela permaneceu um ambiente permissivo para grupos terroristas conhecidos, incluindo dissidentes das FARC, o ELN de origem colombiana e simpatizantes do Hezbollah”.

Além disso, a partir de 2004, os EUA realizaram uma intensa campanha de, falsamente, retratar o governo bolivariano como um enorme centro de narcotráfico, propaganda arejada principalmente pelo comando de combate SOUTHCOM dos EUA, adicionando assim uma dimensão militar adicional à agressão americana contra a Venezuela. Em 2004, em relatório ao Senado dos EUA, o Comandante do SOUTHCOM, General James Hill, amalgamou tráfico de drogas, populismo radical e grupos guerrilheiros, no âmbito das políticas antiterrorismo dos EUA, como ameaças cruciais ao Hemisfério Ocidental, apontando Venezuela, Bolívia e Colômbia como fontes desses problemas. E até 2021, o Almirante Craig Faller, Comandante do SOUTHCOM, disse ao Comitê do Senado de Serviços Armados que “a Venezuela se tornou um paraíso de impunidade para narcotraficantes...”

Com tons e intensidade não jornalísticos, essa continuada campanha de demonização foi papagueada quase diariamente pela mídia “mainstream” ao longo de 2004-2022. Um exemplo vergonhoso é uma peça de 'jornalismo investigativo' publicada no Guardian/Observer (03/02/2008) com o título *Revelado: papel de Chávez na rota da cocaína para a Europa*. E retratar o governo como uma ditadura brutal acelerou a demonização da Venezuela Bolivariana. O *The Economist*, por exemplo, escreveu uma peça editorial (24 de janeiro de 2019) denominada “Como acelerar o fim da ditadura da Venezuela”.

As agressões violentas contra a Venezuela incluíram ondas de violência por parte da oposição em 2014 e 2017. Os dois episódios de “desobediência civil” e violência urbana incluem uma campanha de ódio intenso contra os chavistas e o chavismo como um de seus traços fundamentais, de tal forma que bandidos da oposição procuravam incendiar o máximo de instituições associadas ao chavismo que pudessem.

La Salida (A Saída), campanha lançada em 2014 com o objetivo explícito de derrubar o presidente democraticamente eleito Nicolás Maduro, foi liderada por figuras da extrema direita como, Leopoldo López, María Corina Machado e Antonio Ledezma, e durou seis meses (janeiro-junho). Houveram relatos de: ataques violentos (geralmente com fogo ou explosivos) a prédios de ministérios, clínicas de

saúde, transporte público (incluindo ateamento de fogo a um ônibus com passageiros dentro), outros prédios públicos, escritórios de programas sociais, prédios de partidos de esquerda, estações de eletricidade; um cerco à estação de TV estatal; uma tentativa de despejar diesel em fontes de água potável e outra de incendiar o escritório do ministério da habitação em Caracas com 1.200 funcionários dentro, incluindo 89 crianças na creche do ministério. Isso foi complementado por barricadas de rua bem planejadas, bem financiadas e bem sincronizadas - conhecidas na Venezuela como *guarimba*. E quando a violência desenfreada da oposição, que a mídia (especialmente o Guardian) glorificou (Guardian, 2013), levou à morte de 43 pessoas, a culpa foi atribuída à repressão governamental¹.

Depois, em 2017, houve outra *guarimba*, também explicitamente voltada para derrubar violentamente o governo democraticamente eleito, que também durou seis meses (abril-setembro) mas ainda mais selvagem do que a de 2014. Assim como em 2014, a violência envolveu a edificação de bloqueios de estrada e barricadas, a sabotagem de instalações elétricas públicas e ataques brutais a centros de saúde, maternidades, muitos prédios públicos, o canal de televisão estatal, veículos transportando suprimentos de alimentos, uma base militar, ambulâncias, pedestres e transeuntes, uma estação de rádio local, delegacias de polícia, creches infantis e fábricas estatais. Dezenas de ônibus públicos, caminhões-tanque de combustível e veículos policiais foram queimados com pessoas dentro, policiais foram alvejados, excrementos humanos e bombas foram lançados contra policiais, manifestantes da oposição usaram bazucas caseiras e supostos apoiadores do Chavismo foram espancados em grupo, despidos, amarrados a postes ou árvores e quase linchados.

A novidade na *guarimba* de 2017 foi o uso extensivo de fogo contra mais de 30 pessoas com a intenção de queimá-las vivas - um “feito” realizado com sucesso contra Orlando Figuera² (ver figura 1). A maioria dos atacados foi identificada por sua “aparência de chavista”, ou seja, por terem a pele escura. Trata-se de fatos que não podem ser caracterizados senão como crimes de ódio³. A mídia convencional, em 2017, mais uma vez, glorificou a violência da oposição⁴, violência que resultou

¹ Na época, Mark Weisbrot escreveu, na seção de artigos de opinião do Guardian, um artigo com o interessante título *A Venezuela não é a Ucrânia*, afirmando que “a luta venezuelana é largamente distorcida na mídia ocidental. Trata-se de um clássico conflito entre direita e esquerda, ricos e pobres” (Weisbrot, 2014).

² Orlando Figueira (22) trabalhava estacionando e cuidando de veículos; em 4 de Junho de 2017, quando ele voltava para casa, um grupo de manifestantes mascarados o identificaram como chavista; ele foi espancado, esfaqueado, encharcado de combustível e queimado vivo (morrendo alguns dias depois no hospital). Ele não era um apoiador do chavismo.

³ Vide, aconselhamos cautela pois se trata de imagens de violência explícita, Brea (2017).

⁴ Vide, por exemplo Guardian (2017). Para uma análise rigorosa, mostrando o forte viés antichavista de jornais extremamente influentes (incluindo: The New York Times, The Washington Post e o The Guardian), vide Macleod (2018).

em 172 mortes, 50% das quais, conforme relatado pela então presidente da Assembleia Nacional, Delcy Rodríguez, de pessoas que não estavam participando das manifestações, seja a favor ou contra o governo⁵ (Dominguez, 2020).

Figura 1: Orlando Figueroa



Disponível em: <https://www.albaciudad.org/> Acesso em 11 fev. 2023

Quando essas guarimbas falharam em provocar uma “mudança de regime”, os EUA decidiram tomar as rédeas em suas próprias mãos, embarcando em uma série de aventuras militaristas, que resumimos a seguir. Primeiro, houve a sabotagem violenta à eleição nacional de 2018; o lobby bem-sucedido por sanções dos EUA e da UE; a tentativa de assassinato do presidente Maduro e do alto comando político-militar da revolução com drones carregados de explosivos em agosto de 2018; o êxodo induzido de um grande número de venezuelanos em 2018; a autoproclamação de Guaidó como “presidente interino” em 2019; o violento esforço para forçar a entrada de alimentos pela fronteira Colômbia-Venezuela em Cúcuta, uma operação para penetrar militarmente na Venezuela com paramilitares com o apoio das forças policiais e das forças armadas da Colômbia em fevereiro de 2019; um ataque cibernético à rede elétrica nacional provocando um apagão total em março de 2019; uma tentativa fracassada de golpe de Estado em abril de 2019; e um ataque mercenário à Venezuela visando derrubar o governo e assassinar o Presidente Maduro em maio de 2020. Também em maio de 2020, o Departamento de Justiça dos EUA indiciou o presidente Maduro (e outros altos funcionários) por

⁵ Almelina Carrillo Virguez (47), dona de casa, morreu em 19 de abril de 2017 em Caracas enquanto caminhava próxima a uma manifestação pró-Maduro. Ela foi atingida por uma garrafa contendo líquido congelado arremessada de um prédio pelo opositor Jesus Abi Zambito (42), um advogado.

acusações de “narcoterrorismo”, oferecendo uma recompensa de US\$15 milhões por informações que levassem à sua prisão e condenação.

O pensamento por trás da política dos EUA em relação à Venezuela pode ser entendido a partir da nomeação, por parte do Secretário de Estado de Trump, Mike Pompeo, de Elliott Abrams, como Enviado Especial para direcionar a política dos EUA em relação ao governo Maduro. Abrams é um diplomata condenado pelo escândalo Irã-Contras, especialista em guerras sujas na América Central nos anos 1980 que lutou para encobrir o pior massacre da América Latina, em El Mozote em El Salvador, quando cerca de 1000 civis inocentes (incluindo crianças e mulheres) foram assassinados por forças treinadas e equipadas pelos EUA (The Nation, 2020).

A década de 2011-2021 foi dominada pela desestabilização liderada e financiada pelos EUA através da intensa mobilização da “sociedade civil”. O *Observatório Venezuelano de Conflictividad Social*, financiado pelos EUA, registrou um total de 92.719 protestos públicos (uma média de mais de 9.000 por ano) (Observatorio Venezolano, 2022). E a violência patrocinada e a agitação não foram os únicos veículos dos EUA para minar a Venezuela, como mostra a próxima seção.

Sanções dos EUA como meio de destruição econômica

Desde 2014, a Venezuela foi submetida a 927 medidas coercitivas unilaterais ilegais (i.e. sanções) pelos EUA e seus cúmplices europeus: 477 medidas contra pessoas (em sua maioria, funcionários do governo), 169 direcionadas a órgãos públicos e empresas privadas, 69 contra navios cargueiros nacionais e estrangeiros como parte do bloqueio naval dos EUA, 58 contra aviões e, fato de extrema importância, 164 visando congelar ativos e fundos líquidos mantidos em vários países ao redor do mundo (notavelmente 31 toneladas de ouro no Banco da Inglaterra) (Observatorio Venezolano Antibloqueo, 2023, p. 15).

Como resultado, a Venezuela perdeu US\$ 232 bilhões em receitas de petróleo. Isso em um contexto em que, através de agressão direta – ou intimidação de terceiros também ameaçados com sanções – os EUA conseguiram excluir a Venezuela do sistema financeiro internacional. O que significou, por exemplo, que quando o governo venezuelano procurava pagar qualquer dívida ou comprar algo, o pagamento não só não era processado, mas também, pela ameaça de ação punitiva dos EUA, não era devolvido à Venezuela.

Assim, durante 2019, o Novo Banco de Portugal, por exemplo, em três ocasiões impediu o Governo venezuelano de pagar 4,7 milhões de euros à Fundação Italiana para Transplante de Medula Óssea para tratar 26 pacientes, incluindo crianças e adolescentes afetados por graves problemas de saúde. Em maio de 2019, cinco dessas crianças morreram à espera do transplante. Atualmente, o Novo Banco

bloqueou ou congelou US\$ 1,5 bilhão pertencentes ao povo da Venezuela⁶. Em seguida, em janeiro de 2019, Trump optou pela confiscação ilegal de uma empresa da PDVSA nos EUA, a CITGO, e pelo congelamento de todas as contas venezuelanas nos EUA.

O bloqueio ilegal patrocinado e aplicado pelos EUA foi total: bancos ao redor do mundo, intimidados pela pressão estadunidense, congelaram contas venezuelanas e retiveram seus depósitos financeiros. As exportações de petróleo e as importações de peças sobressalentes relacionadas ao petróleo e produtos químicos de refino foram completamente bloqueadas, fazendo a produção de petróleo e gasolina colapsar. A exportação de ouro e outros minerais da foi igualmente visada. Alimentos e medicamentos – em meio à pandemia de Covid-19 – também foram bloqueados com o objetivo explícito de levar as pessoas ao desespero e causar a morte desnecessária de centenas de milhares dentre os mais vulneráveis (doentes crônicos, crianças, pacientes com câncer, mulheres grávidas, idosos etc.). O Centro de Pesquisa Econômica e Política (CEPR) estimou que, somente entre 2017 e 2018, as sanções dos EUA causaram cerca de 40.000 mortes, que em 2018 havia escassez de 85% dos medicamentos essenciais, fazendo mais de 300.000 pessoas ficarem em risco devido à falta de acesso a medicamentos ou tratamento (80.000 com HIV, 16.000 que precisavam de diálise, 16.000 pessoas com câncer e 4 milhões com diabetes ou hipertensão)⁷.

Os EUA e seus cúmplices foram, entretanto, completamente frustrados pela coragem política do governo bolivariano que, apesar dos efeitos devastadores das sanções, jamais se curvou à pressão, e pela heroica resiliência do povo da Venezuela que, consciente das consequências caso o governo Maduro fosse deposto, continuou apoiando sua revolução.

Percebendo que o bloqueio por si só, por mais devastador que fossem seus efeitos, não levaria a uma 'mudança de regime', os EUA e seus cúmplices europeus combinaram a guerra econômica com táticas coercitivas. Primeiro, em 2018, usando de órgãos multilaterais como a Organização dos Estados Americanos (OEA), cujo infame Secretário Geral, Luis Almagro, buscava freneticamente adotar resoluções para intervir na Venezuela. Em seguida, por iniciativa ainda de Almagro, instruído pelos EUA, foi criado “Grupo de Lima”, articulação cujo único objetivo era acelerar a queda de Maduro. Isso também falhou.

Em setembro de 2019, Almagro obteve apoio majoritário para ativar a possível aplicação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) de 1947 à Venezuela. Isso levantou o espectro de intervenção militar contra a Venezuela, cuja crise, argumentou a resolução da OEA (votada apenas por 12

⁶ Vide a Venezuela Solidarity Campaign (2020).

⁷ Sobre isso ver Weisbrot e Sachs (2019), bem como o “briefing” da Venezuela Solidarity Campaign (2019)

países), teve um efeito desestabilizador e representou uma ameaça à paz e segurança da região. O senador de extrema direita dos EUA Marco Rubio (Rep.-Flórida) saudou a resolução da OEA com o argumento de que a Venezuela era objeto de intervenção estrangeira por parte da China e Rússia.

Ao estrangular a economia da Venezuela, os EUA esperavam levar as pessoas a tal nível de desespero que, incitadas pela oposição, realizassem um levante, causando caos, tumultos, saques e violência que justificariam a desejada intervenção militar 'externa' (ou seja, liderada pelos EUA). Um pequeno número de governos de direita na América Latina apoiou verbalmente a ameaça do TIAR, mas recusou-se a, como os Estados Unidos queriam, comprometer-se militarmente com a ação.

Para asfixiar economicamente a Venezuela, o Departamento de Estado dos EUA planejou o sequestro do enviado especial, diplomata venezuelano, Alex Saab, visando interromper totalmente o fornecimento de alimentos e medicamentos à Venezuela. Saab foi preso ilegalmente em Cabo Verde em junho de 2020 enquanto estava em trânsito em uma missão para obter alimentos e suprimentos médicos para seu país. Ele foi ilegalmente preso em Cabo Verde e extraditado para a Flórida nos EUA em outubro de 2021, onde enfrenta acusações de conspirar para lavar US\$ 350 milhões.

A imunidade diplomática de Saab foi grosseiramente violada, numa ação que representa uma flagrante violação do direito internacional por parte dos EUA (Perry, 2023). Coincidentemente, o avião de Saab não foi autorizado a realizar seu reabastecimento em Marrocos e Senegal, sendo obrigado a pousar em Cabo Verde. Em seu livro, *Never Give An Inch* (2023), Mike Pompeo admite que os EUA planejaram o sequestro de Saab:

Nenhuma outra nação tem o alcance global para interromper uma trama iraniano-venezuelana em tempo real e convencer uma pequena nação insular a deter um homem procurado⁸

No entanto, espantosamente, apesar do colossal poder dos EUA, o governo bolivariano, liderado pela firme condução de Nicolás Maduro, não apenas sobreviveu ao ataque, mas também conseguiu resgatar a economia nacional do colapso induzido pelos EUA, enfraquecendo a oposição de direita e fortalecendo substancialmente o Chavismo no processo.

O presidente Maduro traz a recuperação econômica da Venezuela

O anúncio pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) de que a economia da Venezuela cresceria, pela primeira vez desde 2014, em 5 por cento no ano 2022 (um dos mais altos crescimentos da região), chocou a

⁸ Para mais detalhes do caso, vide o *National Lawyers Guild International Committee* (2022).

muitos desavisados. E quando o *Credit Suisse* previu o crescimento em 20 por cento (Bloomberg, 2022), a recuperação econômica do país tornou-se uma certeza. Em junho de 2022, até a BBC publicou uma análise apontando as principais manifestações dessa recuperação: o fim da hiperinflação, aumento na produção de petróleo, melhoria no fornecimento de bens de consumo diário e o retorno das companhias aéreas (BBC, 2022).

A taxa de inflação do país havia caído dos 10 milhões por cento previstos (como relatado pelo FMI em 2018 (Reuters, 2018)), para 7,1 por cento em setembro de 2021 e 1,4 por cento em março de 2022, e, embora a economia ainda enfrente pressões inflacionárias, a hiperinflação foi contida. Além disso, foi relatado um crescimento substancial na produção de bens essenciais de consumo diário: milho (essencial para a comida típica da Venezuela, arepas) em 60 por cento, carne bovina em 50 por cento, açúcar 30 em por cento, leite em 31 por cento, arroz em 24 por cento, frango em 23 por cento e assim por diante. Em janeiro de 2023, em seu discurso sobre o estado da nação à Assembleia Nacional, o presidente Maduro informou que a Venezuela produz 94 por cento dos alimentos subsidiados que entram no programa de alimentos para os pobres⁹ e a escassez geral de bens foi reduzida em mais de 95 por cento.

Em março de 2022, foi relatado que as exportações não-petrolíferas da Venezuela aumentaram em 76 por cento. Em abril de 2022, o presidente Maduro até mesmo tomou a decisão de cancelar a dívida de São Vicente e Granadinas de 70 milhões de dólares e reduziu pela metade a dívida dos países pertencentes à Organização dos Estados do Caribe Oriental (OECS) com a PetroCaribe¹⁰. Ele também reiniciou um acordo com os países afiliados à PetroCaribe que prevê um desconto de 35 por cento no preço do petróleo.

Dado que a economia da Venezuela perdeu 99 por cento de suas receitas de petróleo devido às sanções dos EUA, passou a fazer sentido econômico aproveitar as fontes privadas existentes de capital para gerar atividade produtiva, emprego e valor agregado que contribuem para a melhoria do padrão de vida das pessoas. Assim, em uma viagem à Eurásia no início de 2022, o presidente Maduro aumentou os parceiros comerciais da Venezuela no mundo, visitando Turquia, Argélia, Irã, Kuwait, Catar e Azerbaijão. Os vastos ativos da Venezuela e a legislação antibloqueio tornam sua economia atraente para investimento estrangeiro.

A grande mídia tem, cinicamente, 'dado boas-vindas' às políticas da Venezuela para atrair investimento estrangeiro como um prelúdio inexorável para a

⁹ São os CLAP (Comité Local de Abastecimiento y Producción) que beneficiam e garantem proteção alimentar subsidiada para mais de 7 milhões de famílias. Venezuela, enquanto nação, costumava importar algo entre 80 e 85 por cento da comida consumida.

¹⁰ Medida impulsionada pela solidariedade revolucionária da Venezuela, inspirada na visão ética e política de Hugo Chávez, a qual o presidente Maduro, líder do PSUV e da revolução bolivariana, é um continuador.

restauração capitalista. Eles foram rápidos em atribuir a recuperação econômica da Venezuela à suposta natureza capitalista da estratégia de Maduro. O profundamente antiChavista *El País* da Espanha (Quesada; Singer, 2022), por exemplo, caracterizou a recuperação da Venezuela como “capitalismo desenfreado”.

O imperialismo estadunidense, no entanto, não nutre ilusões sobre uma restauração capitalista: a exclusão de Venezuela, Cuba e Nicarágua por Biden da 9ª Cúpula das Américas realizada em Los Angeles (6 a 10 de junho de 2022), confirmou que os EUA não têm ilusões de que os esforços da Venezuela para atrair investimento estrangeiro seriam retorno ao capitalismo. Os contatos táticos de Biden com o governo de Maduro e a eleição de Petro na Colômbia levaram o *The Economist* a comentar:

a busca por petróleo barato não é a única razão [...os EUA] também não desejam tensionar demais as relações com as crescentes fileiras de governos de esquerda na região (18 ago. 2022).

A Lei Anti-Bloqueio (LAB), aprovada pela Assembleia Nacional da Venezuela em maio de 2021, oferece incentivos para atrair investimento estrangeiro. Ela tem status constitucional e contém cláusulas de confidencialidade para contornar as sanções dos EUA e proteger os ativos do Estado e a identidade das empresas investidoras nacionais ou estrangeiras. Ademais, um Observatório complementar à LAB foi estabelecido com o intuito de monitorar sua aplicação e implementação. Nele encontramos também uma defesa específica o Art.303 da Constituição que estipula controle total do estado sobre a PDVSA, a empresa estatal de petróleo.

Além disso, a PDVSA, todas as empresas básicas, o Metrô de Caracas, eletricidade, telecomunicações e água, apenas para mencionar alguns exemplos, encontram-se firmemente nas mãos do estado. William Serafino apropriadamente refuta as acusações falaciosas de neoliberalismo ventiladas contra as políticas econômicas do presidente Maduro:

É uma contradição absurda qualificar um governo como neoliberal se ele tem uma ampla gama de impostos para fortalecer sua arrecadação, sustenta subsídios para serviços públicos e um programa de alimentos massivo: o CLAP, cujo custo de aquisição para a população está muito abaixo dos preços de mercado. Simplesmente não faz sentido chamar isso de neoliberalismo. Na verdade, é o oposto do neoliberalismo (Serafino, 2023).

Até fevereiro de 2021, o governo venezuelano havia recebido mais de 200 propostas de investimento privado vindas de todo o mundo. Buscando responder a isso, em março de 2021, os senadores de extrema direita dos EUA Marco Rubio,

Rick Scott, Jacky Rosen e Thom Tillis introduziram o “Ato de Proibir Operações e Arrendamentos com o Regime Autoritário Ilegítimo Venezuelano” (ou “Ato BOLIVAR”), visando proibir qualquer agência federal dos EUA de conceder contratos a empresas que façam negócios com o governo de Maduro. Ou seja, todas as facções do imperialismo dos EUA concordam que o governo de Maduro não tem nada de neoliberal.

O presidente Maduro manteve o compromisso de Hugo Chávez e da Revolução Bolivariana com a justiça social como um princípio ético central que orienta sua política e ações. Confirmando isso, o consumo doméstico foi expandido por meio de uma série de bônus governamentais (Natal, gasolina, economia familiar, mulheres lactantes e grávidas, mães solteiras, idosos, jovens aprendizes, entre outros), todos pagos eletronicamente. Além disso, 76 por cento do orçamento nacional foi destinado a despesas sociais em 2021 e 77 por cento para 2022.

O orçamento para o ano fiscal de 2023 destinou 77 por cento para despesas sociais, com 23 e 20 por cento respectivamente para saúde e educação. A Assembleia Nacional aprovou-o com apenas um voto contrário. Para além disso, em dezembro de 2022, o presidente Maduro anunciou a conclusão de 4,4 milhões de casas para os pobres, um feito jamais alcançado por qualquer governo neoliberal em qualquer lugar da América Latina ou do mundo.

No cerne do renascimento econômico da Venezuela está a digitalização de sua economia e o grande número de pequenas e médias empresas produtivas. Em 2020, houve 121.432.000 transações digitais que aumentaram para 201 milhões em 2021, cobrindo 80 por cento das transações domésticas (desde então, elas aumentaram ainda mais). O *Servicio Autónomo de Registros y Notarías* (SAREN em sua sigla em espanhol), órgão responsável pelo registro e processamento de autorização para abertura pequenas empresas relatam que 7.657 pequenas empresas foram registradas em 2020, 19.284 em 2021 e, até o final de maio de 2022, 13.096. Essas pequenas empresas são privadas, cooperativas e de propriedade comunal.

O vigoroso desenvolvimento e expansão, durante a luta contra a pandemia da Covid-19, pelo governo bolivariano¹¹ do Cartão da Pátria - uma “identidade QR” personalizada disponível para todos os cidadãos - e uma política generosa de crédito estatal para novos pequenos empreendedores facilitaram significativamente o estabelecimento e a consolidação das pequenas empresas, bem como a digitalização das transações.

Um artigo que escrevi resume os componentes centrais da estratégia do presidente Maduro que explicam a extraordinária recuperação econômica da Venezuela.

¹¹ A bem-sucedida batalha da Venezuela contra a pandemia de Covid-19 registra uma das melhores performances da região e do mundo – 5.716 mortes, isso é, 20,1 para 100.000 habitantes. Comparar com os 304,18 para cada 100.000 dos EUA.

A Venezuela bolivariana garantiu segurança alimentar para todos – particularmente para seus cidadãos mais vulneráveis; protegeu a população dos estragos da pandemia da Covid-19 e manteve os serviços públicos essenciais funcionando; contornou habilmente o campo minado global das sanções dos EUA, incluindo o desafio à proibição dos EUA de negociar com o Irã, Rússia, China e outros; aumentou as exportações de petróleo e outros produtos; atraiu capital estrangeiro, garantindo a preeminência do Estado sobre tais investimentos para proteger a soberania nacional; sustentou e expandiu o consumo doméstico, ao mesmo tempo em que controlava a hiperinflação e entregava 4,1 milhões de novas casas. E a Venezuela alcançou tudo isso ao mesmo tempo que expandiu, fortaleceu e empoderou as organizações de massa da classe trabalhadora, camponeses e órgãos comunitários de base, não apenas como meio de mobilização política de massa, mas como um dissuasor às aventuras militaristas e terroristas desencadeadas da Colômbia pela maquinaria de “mudança de regime” de Washington. Isso é o socialismo bolivariano em ação (Dominguez, 2022).

A natureza da Revolução Bolivariana

A revolução bolivariana é uma novidade, pois está provocando uma transformação socialista da sociedade, da política e da economia sem um assalto revolucionário ao Estado. Os direitos políticos dos partidos de oposição burgueses, associações capitalistas, a mídia de direita, entre outros, têm sido respeitados mesmo quando eles consistentemente e sistematicamente perpetraram insurreições e traições, desde 1998.

Essa singularidade determinou que a transição para realizar a transformação socialista da sociedade, economia e Estado tem ocorrido muito mais lentamente do que em uma revolução convencional (se é que tal coisa exista). Isso foi agravado pela superespecialização centenária da Venezuela como uma economia exportadora de petróleo que deixou um legado problemático de distorções econômicas, políticas e sociais. *Chavistas* (e outros) referem-se a essa pesada herança obstrutiva, com suas sequelas de faixas de pobreza crônica, uma cultura de corrupção e ineficiência, política clientelista, oportunismo e traição pelo nome de *rentismo* (capitalismo de renda). Juan Pablo Perez Alfonso, ministro do petróleo da Venezuela nos anos 1960 e membro fundador da OPEP, percebeu as tribulações causadas pela dependência econômica da Venezuela no petróleo. Em sua visão, o petróleo não era ouro negro, mas o “excremento do diabo”.

Isso foi ainda mais complicado pelo abuso que a oposição de direita faz de seus direitos políticos. O respeito bolivariano pela democracia se manifesta em mais de 30 processos eleitorais que, num contexto da agressão sustentada e brutal dos EUA, dão à oposição de direita (quase anualmente) oportunidades de desestabilizar e tentar derrubar o governo bolivariano.

No entanto, os esforços do imperialismo estadunidense para derrubar o governo bolivariano por quase 25 anos atingiram uma indestrutível muralha revolucionária formada por organizações e mobilização de massas em defesa do governo bolivariano e da revolução. Os movimentos sociais bolivarianos estão profundamente cientes não apenas das consequências devastadoras que sofrerão se o governo Maduro fosse derrubado, como também sabem que, quando as sanções dos EUA levaram a economia à beira do colapso, foram as políticas do presidente Maduro, especialmente sobre saúde gratuita e alimentação subsidiada, que crucialmente ajudaram a aliviar seu sofrimento. O ganho histórico mais importante do povo da Venezuela é o governo Chavista.

As qualidades de liderança de Maduro à parte, nada disso teria sido possível sem a resiliência do povo venezuelano. E, se compararmos 2022 à época de sua mobilização espontânea em 2002 para derrotar o golpe e resgatar Chávez ao poder, notamos que o “povo da Venezuela”, progrediu e amadureceu enormemente. Ele está agora organizado em milhares de organizações de base cobrindo todos os aspectos da importância social (saúde, água, educação, terra, distribuição de alimentos, mulheres, juventude, conselhos comunitários, cooperativas e muito mais). Este universo de organizações de base dá expressão tangível ao princípio constitucional da Venezuela que está no coração de seu sistema político, ou seja, a democracia participativa. Princípio esse que inclui as forças armadas - um componente chave do estado bolivariano socialista, na aliança civil-militar inquebrável -, bem como, complementarmente, as milícias populares.

O instrumento que articula e harmoniza esta coalizão social variada de trabalhadores, camponeses, mulheres, juventude, militares e outros que por mais de duas décadas guiou a Revolução Bolivariana é o *Partido Socialista Unido da Venezuela* (PSUV). O PSUV desfruta da hegemonia política e cultural gramsciana na Venezuela em virtude de sua liderança intelectual e moral sobre a maioria da população (especialmente trabalhadora). A hegemonia do PSUV foi estabelecida pela reinterpretação bolivariana da história da luta de classes do país desde a independência nacional. Além disso, tendo sua primeira manifestação concreta após a rebelião de 1992, com o '*por ahora*' que abalou a nação, destaca-se, a Constituição Bolivariana de 1999¹², texto que, tal como lucidamente formulado por Hugo Chavez, opera como uma fundação ideológica para a transformação social. Enfim, o

12 O prefácio de John Bellamy Foster à edição de verão da *Monthly Review*, de 1 de julho de 2010, proporciona uma iluminadora análise do processo histórico e intelectual que deu forma à radical reinterpretação da história venezuelana que produziu o bolivarianismo.

PSUV exerce hegemonia como a força orientadora da Revolução Bolivariana tanto por seus laços estruturais como por ser parte integrante do bloco histórico que impulsiona a revolução adiante.

A Revolução Bolivariana de Hugo Chávez transformou a Venezuela em um farol de esperança para o mundo, e especialmente para a América na Latina, na luta contra a miséria neoliberal e o saque imperialista. A resistência bem-sucedida da Venezuela contra uma década de agressão intensificada dos EUA sob a liderança do presidente Maduro tornou-se uma fonte de inspiração. Ademais, a determinação e a capacidade de Maduro de continuar e aprofundar o que Hugo Chávez começou, contribuiu substancialmente para aprofundar a batalha existencial entre Bolivarianismo e “Monroísmo” que está no cerne da luta da América Latina por sua segunda independência. Isso foi confirmado por ninguém menos que John Bolton, assessor de segurança nacional de Trump, que, em abril de 2019, dirigindo-se a um grupo de veteranos da Baía dos Porcos em Miami, disse a eles “Hoje, proclamamos com orgulho para todos ouvirem: a Doutrina Monroe está viva e bem”.

Conclusão

O *The Economist* (20 abr. 2013) rotulou a vitória de Nicolas Maduro nas eleições presidenciais de abril de 2013 contra o candidato de direita Henrique Capriles por uma margem estreita: “o péssimo início de Maduro”. O *NYT* resumiu as chances de sucesso de Maduro (14 abr. 2013) da seguinte forma: “até mesmo seus apoiadores dizem que o Sr. Maduro não possui os instintos políticos aguçados e o magnetismo de seu antecessor, e muitas questões permanecem sobre o quão efetivamente ele liderará dentro e fora do país”. Até 2013, a grande mídia, muito antes da enxurrada de sanções infligidas à Venezuela pelos EUA, também não dava muitas chances à sua economia sob Maduro. Em novembro de 2013, o *The Guardian* (20 nov. 2013) citou a opinião de figuras da oposição que argumentavam que, a menos que o governo se inclinasse para a direita, a economia desabaria como um “castelo de cartas”.

No início de 2016, o *Washington Post* (29/01/2016) declarou a Venezuela “à beira de um colapso econômico completo” (O’brian, 2016). Não é de se admirar que, em 2017, o *The Economist* perguntasse: “por que Nicolás Maduro ainda está no poder na Venezuela?” (11 mai 2017) Em 2018, após Trump ter aplicado centenas de sanções, o *Washington Post* (21 ago. 2018) relatou que a Venezuela estava “tomada pelo caos econômico”, com a inflação “disparando em direção a 1 milhão por cento e a fome se espalhando por todo o país” (Krygier; Faiola, 2018). Em 2019, o *The Economist* (24 jan. 2019) dava conselhos sobre “como acelerar o fim da ditadura venezuelana”, dizendo afirmativamente que “reconhecer um presidente interino em vez de Nicolás Maduro é um começo”. O conselho completo do *The Economist* era:

A América e a União Europeia devem usar todas as ferramentas à sua disposição para promover mudanças pacíficas, apoiando o governo paralelo do Sr. Guaidó. Isso poderia incluir colocar parte do dinheiro pago pelas exportações de petróleo em uma conta reservada para a assembleia nacional, e usar a ameaça de mais sanções para encorajar deserções do regime¹³ (*The Economist*, 2019).

Ignorando as sanções, eles, astutamente, atribuíram a grave crise econômica do país à “distopia socialista criada por Hugo Chávez” (*The Economist*, 2019). No final de 2020, a mídia corporativa começou a focar no dilema que era a “oposição venezuelana [estar] dividida sobre participar das próximas eleições” (Martinez e Kurmanaev, 2020). Anteriormente, não reconhecer os resultados das eleições, para não falarmos em aceitar o sistema eleitoral do país, havia sido uma questão de “princípio ético” para os EUA, a UE, a oposição venezuelana e a mídia corporativa. Mais tarde naquele ano, saiu um artigo quase positivo do NYT (19 nov. 2020) sobre a decisão do presidente, intitulado “Presidente Maduro da Venezuela Perdoa 100 Oponentes Políticos”. Em janeiro de 2021, com a economia venezuelana passando por uma recuperação visível, a mídia procurou bodes expiatórios, como este artigo do *Washington Post* (19 jan. 2021), “A bravata de Trump falhou na Venezuela. Biden deve usar alavancas diplomáticas e econômicas para abordar a crise” (Smilde, 2021). Em maio do ano seguinte (17 mai. 2022), o Post relatou, “Administração Biden começa a aliviar restrições ao petróleo venezuelano” (Schmidt e Deyoung, 2022). Em agosto, o *The Economist* (19 ago. 2022), sendo caracteristicamente tendencioso, começou a admitir o fracasso da ‘mudança de regime’: “O ditador da Venezuela está menos isolado do que antes”.

O *think tank* de relações exteriores dos EUA, o *Council on Foreign Relations* (04 nov. 2022), foi ainda mais longe ao perguntar “as sanções dos EUA à Venezuela funcionam?”, concluindo que não, já que elas “contribuíram para o sofrimento do povo venezuelano e não conseguiram tirar Maduro do poder¹⁴.” A Reuters registrou o fracasso e a Recuperação da economia (12 jan. 2023) com as manchetes: “Economia venezuelana cresceu mais de 15% em 2022” (Buitrago, 2023), e ainda naquele ano: “Economia da Venezuela cresceu 17% no 1º trimestre, diz presidente do banco central (Reuters, 23 ago. 2022)”

Em outubro de 2022, o NYT (08 out. 2022) em editorial de opinião finalmente disse o que todos já sabiam: “os EUA Não Podem Manter a Ficção de

¹³ Com toda sua “tecnicidade”, essa mídia cuidadosamente evitava mencionar tanto os efeitos devastadores das sanções estadunidenses, bem como fingia não haver relação alguma entre elas e a grave situação econômica venezuelana.

¹⁴ O Conselho de Relações Internacionais foi ainda mais longe perguntando: “As sanções dos EUA na Venezuela realmente funcionam?” (Roy, 2022).

que Juan Guaidó é o Presidente da Venezuela” (Neuman, 2023), argumentando com veemência:

É hora da administração Biden aceitar que a jogada de Guaidó falhou e que a maioria dos venezuelanos e a maior parte da comunidade internacional já seguiram em frente. A Casa Branca precisa de uma política para a Venezuela baseada em fatos, não ficção. E o fato é que o Sr. Maduro é presidente da Venezuela e o Sr. Guaidó não (Neuman, 2023).

No final de 2022, o *NYT* (30 dez. 2022) informou, “Guaidó é destituído como líder da oposição venezuelana (Herrera e Glatsky, 2022)” e como 'presidente interino'. Como a ordem para Guaidó se proclamar 'presidente interino', a ordem para removê-lo veio certamente de Washington. Para coroar tudo, confirmando a vitória de Maduro na colossal batalha com o império, o *Washington Post* (09 fev. 2023) publicou “Como Maduro Venceu Guaidó e os EUA no Longo Impasse da Venezuela”.

A seleção esboçada acima de manchetes da mídia traça a implacável provação pela qual a Venezuela Bolivariana foi submetida pela brutal guerra híbrida dos EUA. Mostra a evolução da luta de uma década do presidente Nicolás Maduro, totalmente comprometido na defesa de sua nação e de seu povo, nunca cedendo um centímetro, mas navegando habilmente nas águas altamente perigosas da hostilidade e agressão imperialista. O resultado é bastante impressionante e não seria exagero afirmar que Maduro, no comando do estado, liderando o movimento de massas Chavista, está pronto para mais uma década de luta socialista bolivariana e anti-imperialista.

Referências

ALBA CIUDAD 96.3 FM. *Murió el joven que fue quemado vivo por grupos violentos hace dos semanas en Altamira*. 14 jun 2017. Disponível em: <https://www.albaciudad.org>.

BBC. *5 señales de la recuperación de la economía de Venezuela (y sus límites)*. 13 Jun 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-61728010>.

BLOOMBERG. *Venezuelan Economy to Grow 20% This Year, Credit Suisse Says*. 7 abr 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-04-06/venezuela-s-economy-may-expand-20-in-2022-credit-suisse-says>.

BREA, Lenin. *Venezuela: Crímenes de odio y violencia incendiaria*. 2017. Disponível em: <http://www.elperroylarana.gob.ve/venezuela-crimenes-de-odio-y-violencia-incendiaria-2017/>.

- BUITRAGO, Deisy. *Venezuelan economy grew above 15% in 2022, the president says*. 12 Jan 2023. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/americas/venezuelan-economy-grew-above-15-2022-president-says-2023-01-13/>>.
- DOMINGUEZ, Francisco. *Understanding Maduro's successful socialist economic strategy*. 9 Ago 2022. Disponível em: <<https://morningstaronline.co.uk/article/f/understanding-maduros-successful-socialist-economic-strategy>>.
- FOSTER, John Bellamy. *Foreword to the Summer Issue*. 1 Jul 2010. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2010/07/01/foreword-to-the-summer-issue/>>.
- GUARDIAN. 'Demonstrations sweep across Venezuela – in pictures'. 20 fev 2013. Disponível em:<<https://www.theguardian.com/world/gallery/2014/feb/20/demonstrations-sweep-across-venezuela-in-pictures>>.
- GUARDIAN. *On the frontline of Venezuela's punishing protest*. 25 Mai 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/may/25/venezuela-protests-riots-frontline-caracas-nicolas-maduro>>.
- GUARDIAN. *Nicolás Maduro promises to use new powers to rescue Venezuelan economy*. 20 Nov 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/nov/20/nicolas-maduro-powers-venezuelan-economy>>.
- GUARDIAN. *Revealed: Chávez role in cocaine trail to Europe*. 3 Fev 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2008/feb/03/venezuela.colombia>>.
- HERRERA, Isayen; GLATSKY, Genevieve. *Juan Guaidó Is Voted Out as Leader of Venezuela's Opposition*. 30 Dez 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/12/30/world/americas/venezuela-opposition-juan-guaido.html>>.
- KRYGIER, Rachelle; FAIOLA, Anthony. *Venezuela is swept by economic chaos as new currency plan takes effect*. The Washington Post. 21 Ago 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/venezuela-swept-by-economic-chaos-as-new-currency-plan-takes-effect/2018/08/21/7628c4f2-a4ac-11e8-ad6f-080770dcddc2_story.html>.
- MACLEOD, Alan. *Bad News from Venezuela: Twenty Years of Fake News and Misreporting*. Routledge, 2018.
- MARTINEZ, Mariana; KURMANAEV, Anatoly. *Venezuela's Opposition Splits Over Taking Part in Coming Elections*. The New York Times. 19 Set 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/09/06/international-home/venezuela-elections-maduro.html>>.

NATIONAL LAWYERS GUILD INTERNATIONAL COMMITTEE. *National Lawyers Guild Calls for the Immediate Release of Venezuelan Diplomat Alex Saab (Statement)*. 16 Fev 2022. Disponível em: <<https://orinocotribune.com/national-lawyers-guild-calls-for-the-immediate-release-of-venezuelan-diplomat-alex-saab-statement/>>.

NEUMAN, William. *The U.S. Cannot Uphold the Fiction that Juan Guaidó Is the President of Venezuela*. 8 Out 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/10/08/opinion/maduro-venezuela-guaido.html>>.

NEW YORK TIMES. *Venezuela Gives Chávez Protégé Narrow Victory*. 4 Abr 2013. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/04/15/world/americas/venezuelans-vote-for-successor-to-chavez.html>>.

OBSERVATÓRIO VENEZOLANO. *10 años de protestas en Venezuela 2011-2021*. 15 Fev 2022. Disponível em: <<https://www.observatoriodeconflictos.org.ve/informes-anuales/10-anos-de-protestas>>.

OBSERVATORIO VENEZOLANO ANTIBLOQUEO. *Los numeros del bloqueo: 2014-2022*. 2023. Disponível em: <<https://observatorio.gob.ve/wp-content/uploads/2022/12/LOS-NUMEROS-DEL-BLOQUEO-FEB2023.pdf>>.

O'BRIAN, Matt. *Venezuela is on the brink of a complete economic collapse*. The Washington Post. 29 Jan 2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2016/01/29/venezuela-is-on-the-brink-of-a-complete-collapse/>>.

PERRY, John. *Diplomatic Immunity*. 27 Jan 2023. Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/blog/2023/january/diplomatic-immunity>>.

QUESADA, Juan Diego; SINGER, Florantonia. *El capitalismo desbocado se abre paso en Venezuela*. 26 Mai 2022. Disponível em: <<https://elpais.com/internacional/2022-05-23/el-capitalismo-desbocado-se-abre-paso-en-venezuela.html#?rel=mas>>.

REUTERS. *IMF sees Venezuela inflation at 10 million percent in 2019*. 9 Out 2018. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/venezuela-economy-idINKCN1MJ1YX>>.

REUTERS. *Venezuela's economy grew 17% in Q1, says central bank president*. 23 Ago 2023. Disponível em: <[https://www.reuters.com/world/americas/venezuelas-economy-grew-17-q1-says-central-bank-president-2022-08-23/#:~:text=Venezuela's%20economy%20grew%2017%25%20in%20Q1%2C%20says%20central%20bank%20president,-Reuters&text=CARACAS%2C%20Aug%202023%20\(Reuters\),bank%20president%20said%20on%20Tuesday.>](https://www.reuters.com/world/americas/venezuelas-economy-grew-17-q1-says-central-bank-president-2022-08-23/#:~:text=Venezuela's%20economy%20grew%2017%25%20in%20Q1%2C%20says%20central%20bank%20president,-Reuters&text=CARACAS%2C%20Aug%202023%20(Reuters),bank%20president%20said%20on%20Tuesday.>)>.

- ROY, Diana. *Do U.S. Sanctions on Venezuela Work?* 4 Nov 2022. Disponível em: <<https://www.cfr.org/in-brief/do-us-sanctions-venezuela-work>>;
- SERAFINO, William. *Maduro's Neoliberal Turn?* 19 Fev 2023. Disponível em: <<https://orinocotribune.com/maduros-neoliberal-turn>>.
- SMILDE, David. *Trump's bluster failed Venezuela. Biden must use diplomatic and economic levers to address the crisis.* The Washington Post. 19 Jan 2021. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/01/19/venezuela-biden-maduro-guaido-trump-diplomacy/>>.
- SCHMIDT, Samanta; DEYOUNG, Karen. *Biden administration begins easing restrictions on Venezuelan oil.* 17 Mai 2022. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/world/2022/05/17/venezuela-oil-sanctions-chevron/>>.
- THE ECONOMIST. *How to hasten the demise of Venezuela's dictatorship.* 24 Jan 2019. Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2019/01/24/how-to-hasten-the-demise-of-venezuelas-dictatorship>>.
- _____. *Maduro's hollow victory.* 14 Dez 2013. Disponível em: <<https://www.economist.com/the-americas/2013/12/14/maduros-hollow-victory>>.
- _____. *Maduro's lousy start.* 20 Abr 2013. Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2013/04/20/maduros-lousy-start>>.
- _____. *Venezuela's dictator is less isolated than he once was.* 12 Ago 2022. Disponível em: <<https://www.economist.com/the-americas/2022/08/18/venezuelas-dictator-is-less-isolated-than-he-once-was>>.
- THE NATION. *Eric Alterman, Confirmed: Elliott Abrams's Defense of Mass Murder Was Based on Lies.* 20 Jan 2020. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/world/elliott-abrams-mozote/>>.
- THE NEW YORK TIMES. *Frustrated by Election Boycott, Venezuela's Leader Pardons 100 Opponents.* 19 Nov 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/08/31/world/americas/venezuela-pardons-maduro.html>>.
- US DEPARTMENT OF STATE. *Chapter 2. Country Reports: Western Hemisphere Overview.* 2014. Disponível em: <<https://2009-2017.state.gov/j/ct/rls/crt/2014/239409.htm>>.
- VENEZUELA SOLIDARITY CAMPAIGN. *Briefing: The effects of the economic blockade of Venezuela.* Fev 2020. Disponível em: <<https://www.venezuelasolidarity.co.uk/wp-content/uploads/2020/06/Updated-briefing-18-02-2020-final-The-effects-of-the-economic-blockade-of-Venezuela-1774.pdf>>.

_____. *Briefing: The effects of the economic blockade of Venezuela*. Set. 2019. Disponível em: <<https://www.venezuelasolidarity.co.uk/wp-content/uploads/2019/09/The-effects-of-the-economic-blockade-of-Venezuela-8771.pdf>>.

WEISBROT, Mark. Venezuela is not Ukraine. 04 mar 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/04/venezuela-protests-not-ukraine-class-struggle>>.

_____; SACHS, Jeffrey. *Economic Sanctions as Collective Punishment: The Case of Venezuela*. CEPR. Abr 2019.